

A ALTERIDADE COM HUMANOS E MAIS-QUE-HUMANOS COMO SUBSTRATO PARA UM OUTRO NARRAR

*OTHERNESS WITH HUMANS AND MORE-THAN-HUMANS AS A SUBSTRATE FOR
ANOTHER NARRATION*

*LA ALTERIDAD CON HUMANOS Y MÁS-QUE-HUMANOS COMO SUSTRATO DE
OTRA NARRACIÓN*

*Original recebido em: 21 de março de 2025
Aceito para publicação em: 18 de julho de 2025
Publicado em: 24 de setembro de 2025*

Micael dos Santos Olegário
Reges Schwaab

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo

RESUMO

À luz de tensionamentos que epistemologias urgentes e insurgentes oferecem aos campos da comunicação e do jornalismo, requisitando uma inventividade co-produzida, dialogada e crítica, nos perguntamos sobre como oferecer mapas mais plurais para nossas práticas, mapas nos quais não seja possível registrar um habitar sem o Outro, muito além do humano. Assim como nas ciências naturais, o substrato é formado por um conjunto de nutrientes e elementos naturais que propiciam o florescimento de plantas e, portanto, são condição indispensável para a vida de diversas espécies. Na comunicação e no jornalismo contemporâneo, a alteridade com humanos e mais-que-humanos, tomada como expressão de compreensão e de abertura à diversidade, no contexto das paisagens multispecies do Antropoceno, poderia engendrar e suscitar outras formas de narrar, interdisciplinares, plurais e germinadas à luz do respeito da vida e de um bem-viver ampliado.

Palavras-chave: Comunicação; Alteridade; Narrativas; Paisagens Multiespécies.

ABSTRACT

Based on the tensions that urgent and insurgent epistemologies offer to the fields of communication and journalism, requiring co-produced, dialogued and critical inventiveness, we ask ourselves how to offer more plural maps for our practices, maps in which it is not possible to record a dwelling without the Other, far beyond the human. Just as in the natural sciences, the substrate is made up of a set of nutrients and natural elements that help plants flourish and are therefore an indispensable condition for the life of various species. In contemporary communication and journalism, alterity with humans and more-than-humans, taken as an expression of understanding and openness to diversity, in the context of the multispecies landscapes of the Anthropocene, could engender and give rise to other forms of narrate that

are interdisciplinary, plural and germinated in the light of respect for life and an expanded sense of well-being.

Keywords: Communication; Alterity; Narratives; Multispecies Landscapes.

RESUMEN

A partir de las tensiones que las epistemologías urgentes e insurgentes ofrecen a los campos de la comunicación y el periodismo, requiriendo inventiva coproducida, dialogada y crítica, nos preguntamos cómo ofrecer mapas más plurales para nuestras prácticas, mapas en los que no sea posible registrar un habitar sin el Otro, mucho más allá de lo humano. Así como en las ciencias naturales, el sustrato está constituido por un conjunto de nutrientes y elementos naturales que ayudan al florecimiento de las plantas y, por lo tanto, son una condición indispensable para la vida de diversas especies. En la comunicación y el periodismo contemporáneos, la alteridad con los humanos y más-que-humanos, tomada como expresión de comprensión y apertura a la diversidad, en el contexto de los paisajes multiespecies del Antropoceno, podría engendrar y dar lugar a otras formas de narrar interdisciplinares, plurales y germinadas a la luz del respeto a la vida y de un bienestar ampliado.

Palavras-chave: Comunicação; Alteridade; Narrativas; Paisajes Multiespecies

1. POR ENCONTROS OUTROS

*“A não destruição da Alteridade é a condição da sobrevivência da humanidade neste grão de poeira chamado 'Terra'”
(Ricardo Timm de Souza)”*

A separação ocidental e moderna entre o natural e o social está na raiz de diversos desafios contemporâneos, a exemplo da crise ecológica e de pensamento (Petrucci, 2024) caracterizada pela emergência do Antropoceno.¹ Mais do que um problema exclusivo das ciências naturais ou exatas, a degradação das condições de vida no planeta mobiliza diferentes áreas do conhecimento e requisita pluralidade de saberes. Nas palavras de Ailton Krenak (2020), torna-se imperativo romper com o modelo de sociedade que devora a natureza e estabelecer alianças afetivas e interdisciplinares para adiar o fim do mundo. A utopia de uma casa comum é também questão para a comunicação. Abre-se um horizonte de apelo à

¹ Maria Petrucci (2024) descreve o antropoceno como uma trama e um conjunto de relações que envolve todos os entes da terra. A autora retoma o surgimento do termo e sua popularização a partir dos anos 2000, como uma proposta para uma nova época geológica para a terra. Porém, para ela, o Antropoceno ultrapassa a dimensão física de degradação do planeta e se instaura como um paradigma sensível da contemporaneidade. Esta noção será retomada ao longo do texto.

ressemantização da nossa ação, como forma de reparação, de transição e de refundação das práticas, recolocadas à luz da ecologia e da coabitação com os demais seres.

As inquietações que emergem para o campo das práticas comunicacionais, e do jornalismo contemporâneo em específico, são desafiadoras e instigantes. Como dialogar com outros modos de conhecer para comunicar a emergência climática de modo sensível? Como se haver com as ausências das nossas narrativas, grupos historicamente excluídos, marginalizados, seres outros minorizados e que têm sua existência negada pelo sistema moderno-colonial (Dussel, 1998)? E mais: como nos abriremos para narrativas não centradas apenas no humano, considerando um cenário de complexa crise socioambiental? Pode-se dizer que esses desassossegos ajudam a compor a dúvida principal que nos move neste trabalho,² de caráter reflexivo: como a alteridade ampliada, que congrega humanos e mais-que-humanos,³ pode constituir o substrato para formas outras de narrar o/no Antropoceno? A partir desta questão problema, acreditamos avançar de modo tentativo por caminhos em torno das epistemologias e das ontologias da comunicação diante do Antropoceno, sob o signo de uma alteridade radical como projeto.

O uso do termo “substrato”, sinalizado no título, traz a intencionalidade de fazer referência à confluências com as ciências e os saberes da terra, enquanto síntese do conjunto de nutrientes que permitem o florescer e a sustentação da vida. Esse movimento de aproximação discursiva pretende lembrar sobre o necessário desfazer das barreiras entre a produção de conhecimento nas diversas ciências e fora delas, tal como defende Anna Lowenhaupt Tsing (2019) em sua descrição das paisagens multiespécies e das lógicas ferais que compõem o cotidiano na nova época da Terra.

Acerca dessa aproximação, cabe considerar também a descrição oferecida por Renzo Taddei (2022) do seu contato com os pensamentos do líder Yanomami Davi Kopenawa, uma ruptura que permite compreender a insuficiência de uma ou de algumas ciências - isoladamente

² O presente texto foi produzido no contexto das discussões do projeto “Escrituras possíveis, lugares incomuns”, do grupo de pesquisa *milpa - laboratório de jornalismo* e de dissertação em andamento no Programa de Pós-graduação em Comunicação (Poscom), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

³ O termo “mais-que-humanos” diz respeito a uma abordagem que chama a atenção para a dependência dos humanos de outros atores para sua existência. Acionamos a noção inspirados pela proposta de Donna Haraway (2016) de *fazer parentes*, como uma postura para romper com o antropocentrismo moderno e incorporar uma nova visão mais inclusiva e multiespécie sobre a vida e as interações no ambiente.

- em oferecer respostas efetivas para enfrentar a crise climática⁴ desencadeada pelas ações exploratórias humanas. Na cosmologia Yanomami, assim como em diversas outras concepções de mundo dos povos ameríndios, não existe separação entre humanidade e natureza. Isso significa mais que um modo de existência ou sobrevivência física atrelada ao meio ambiente. Antes, diz de uma profunda interdependência e conexão ontológica com as florestas, os rios, os animais (Taddei, 2022).

Para Anna Tsing (2019), a perturbação humana no ambiente não necessariamente representa algo exclusivamente negativo, no sentido de destruição e de exploração. Como exemplo dessa perspectiva, a autora descreve as histórias culturais que permeiam a relação de camponeses com o cogumelo *matsukage*. Ao descrever a simbiose entre fungos, plantas e comunidades tradicionais, sua antropologia aponta outras maneiras de compreender a ecologia e as sociabilidades (Tsing, 2019), especulando, inclusive, a possibilidade de surgimento de um novo terreno de estudos, em torno das ecossociabilidades e da biocultura.

Esse convite para uma abertura do olhar às paisagens multiespécies (Tsing, 2019) nos instiga, como jornalistas, comunicadores e pesquisadores, a imaginar outras formas de compor mundos via narrativa. É como acolher um convite inescapável para a tessitura de narrares que possam abraçar a complexidade e sejam inspirados por um pensamento regenerativo, no respeito e na defesa da vida e do bem-viver⁵ de humanos e mais-que-humanos.

Em um primeiro movimento da discussão, revisitamos aspectos do conceito de alteridade e pensamos relações com os campos da comunicação e do jornalismo. Em seguida, o texto amplia as reflexões sobre o Antropoceno, conceito motriz para repensar as tradições ocidentais e modernas de produção de conhecimento e de saberes. Como um breve movimento descritivo e ensaístico, buscamos exemplificar a forma como uma “alteridade mais-que-humana” começa a se manifestar na mídia e na comunicação jornalística, pontuando

⁴ A crise climática ou as mudanças climáticas se referem a um conjunto de alterações nas condições de vida na Terra, com impactos em diferentes ecossistemas e locais do planeta. Entre os elementos mais comumente associados a ela está o aquecimento global, ou seja, o aumento da temperatura média do planeta, identificada, por exemplo, nos relatórios do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês). Disponível em: <https://www.ipcc.ch/>. Acesso em 17 jul. 2025.

⁵ A noção de “bem-viver” faz referência a uma filosofia de vida comum a diferentes povos ameríndios. O conceito também é mobilizado por diferentes autoras e autores que escrevem desde uma perspectiva decolonial e contra-colonial. Em artigo sobre práticas comunicativas ameríndias, Tiago Quiroga e Tatiana Castro Mota (2024, p.13) defendem o bem-viver como princípio político-identitário do comum, “[...] sob a perspectiva do bem-viver, portanto, o Outro (ou os Outros, se falarmos das vidas no cosmo) não tem sua cultura rebaixada ao monismo colonial – que atualmente se configura como colonialidade”.

observações sobre a narrativa *Rio Paraguai contra o fim do mundo*,⁶ escrito pela jornalista Jaqueline Sordi para a plataforma *Sumaúma - Jornalismo do Centro do Mundo*. Do ponto de vista metodológico, o movimento de aproximação especulativo com o texto toma como referência aspectos da análise narrativa, em diálogo com a noção de transmetodologia⁷ (Almeida; Maldonado, 2015) que nos guia sobretudo na confluência com outras áreas do conhecimento, em especial, as considerações de Tsing (2019).

Na perspectiva que temos experimentado em nossas pesquisas, o Antropoceno, como nova época da Terra, é um *hiperobjeto* (Bridle, 2023). Dada sua magnitude e sua expressão multifacetada, percebemos que produzir conhecimento *no* e *sobre* o Antropoceno depende de investigar sua materialização no local, nos territórios e nas interações que os constituem. Ademais, requer visadas críticas que acolham seus distintos nomes: Negroceno, Plantatioceno, Capitaloceno. Por fim, defendemos, requisita desenhos compreensivos a partir das chaves da interseccionalidade (Collins, 2022) para ler e reinventar nossas formas de narrar.

2. A ALTERIDADE E O NARRAR

Em reflexão sobre o fazer pesquisa em comunicação, Luis Mauro Sá Martino e Angela Cristina Salgueiro Marques (2018) definem a alteridade como uma condição para a ação epistemológica, a partir da noção de um espaço de encontro com o outro. A alteridade se entrelaça, portanto, com dinâmicas que envolvem os processos de identidade e de reconhecimento, na medida em que pressupõe uma relação de estranhamento e de percepção das diferenças, sem que elas representem barreiras para o encontro, ou que demandem uma explicação ou classificação (Martino, 2016a). Paralelamente, pondera Martino (2016a), a não identificação de algo em comum com o outro, a exemplo da própria humanidade, pode ser um fator gerador da violência, da marginalização e da opressão.⁸

⁶ Disponível em: <https://sumauma.com/rio-paraguai-contra-o-fim-do-mundo/>. Acesso em 21 jan. 2025.

⁷ Para Renata Cardoso Almeida e Alberto Efendy Maldonado (2015), a transmetodologia está ligada a uma postura epistemológica sobre o fazer pesquisa em comunicação que se relaciona com múltiplas dimensões da vida. Assim, a ideia de uma transmetodologia envolve considerar o diálogo diversos prismas de mundo e seus contextos, incluindo saberes artísticos e outras áreas do conhecimento, em uma confluência em prol da cidadania científica e da superação de desigualdades e reducionismos, especialmente, no contexto tecnocultural e latino-americano.

⁸ Como nos lembra Stuart Hall (2011, p. 114): “Neste momento pós-colonial, os movimentos transversais, inscritos desde sempre na história da colonização, mas cuidadosamente obliterados por formas mais binárias de narrativização, têm surgido de distintas formas para perturbar as relações estabelecidas de dominação e resistência inscritas em outras narrativas e formas de vida”. Desse modo, tornam-se obsoletas práticas que ignoram o compromisso de tecer alianças com distintos narrares.

Compreender os limites dessa relação talvez possibilite o estabelecimento de brechas mais frequentes nos espaços de silêncio que se encontram na velocidade das relações cotidianas e permita estabelecer, para além das diferenças, mas convivendo com elas, um dos sentidos plenos da palavra comunicação – estar com os outros, compartilhar uma vida comum (Martino, 2016a, p.107).

Em linha oposta à convivência e à partilha de uma vida comum, a estereotipização, o silenciamento e a invisibilização de determinados grupos, culturas, tradições e histórias, a exemplo dos povos ameríndios da América, ilustram os tentáculos de uma hierarquização que desconsidera o Outro e sua Outridade, resultando no que Erick Torrico Villanueva (2018) define como “in-comunicação”. Relembrando as ideias de Martino (2016a), classificar ou negar o Outro representa uma violência ética e epistemológica, em um ato de reducionismo e de rompimento com a alteridade.

Para Emmanuel Lévinas (1980), o reconhecimento do infinito de outrem não significa uma substituição da identidade do “eu”. Nessa trilha de pensamento, Maria Lucília Marcos (2010), ao comentar sobre a obra de Lévinas e suas proposições acerca da alteridade radical e absoluta, enfatiza que o reconhecimento é um direito irrecusável, independente das perturbações que as diferenças possam causar em nossas identidades ou da nossa (in)capacidade de compreensão dessas diferenças.

Como um dos caminhos para pensar a alteridade, Martino (2016b) indica o ato de narrar como espaço privilegiado para se aproximar das experiências do Outro, mesmo diante da impossibilidade de conhecer ou dizer sua totalidade. O autor também ressalta a importância de superar a dimensão unicamente cognitiva da narrativa, incluindo em seu entendimento componentes estéticos e da ordem dos afetos.

O infinito do outro é apreendido na experiência estética da alteridade, não em sua definição classificatória; nesse sentido, a narrativa, enquanto contato com a diferença, assume um caráter quase transcendente em relação às categorias cognitivo-vinculatórias de uma apreensão imediata do outro (Martino, 2016b, p.46).

Mais que uma questão meramente formal ou cognitiva, a alteridade é um conceito que dialoga com o sensível e com o simbólico. Martino (2016b) pontua que uma narrativa se desenrola no ato de interpretação e depende da disposição à escuta atenta, ou seja, a construção de um ‘nós’ que instaure a intersubjetividade e o compartilhamento de determinado repertório simbólico. Para o autor, a característica que diz respeito ao simbólico em comum tornaria a alteridade nas narrativas algo intrinsecamente humano.

A partir de uma leitura discursiva do jornalismo sobre o Outro, Camila Freitas e Marcia Benetti (2017) discorrem sobre como a subjetividade, a coexistência e a experiência do jornalista, em sua posição como *ser no mundo*, afeta as dinâmicas de alteridade e de outridade, entendida como os modos de existência do Outro.

Nessa articulação, é por meio da ação mimética que o jornalismo tem a potencialidade de reproduzir e de reconstruir o que ocorre no mundo da vida, narrando as realidades e a multiplicidade de seres e coisas que nelas residem, conferindo, também, verossimilhança aos acontecimentos cotidianos (Freitas; Benetti, 2017, p.19).

Por maior que seja o esforço em fazer com que a ação mimética alcance a experiência de outrem, existirá sempre uma brecha inacessível à narrativa, o que Freitas e Benetti (2017) descrevem como a outridade relativa, porque dependente do reconhecimento e da intersubjetividade entre as identidades do jornalista, do outro narrado e dos leitores. Conhecer a diversidade do mundo implica, portanto, em um gesto de outridade sempre incompleto e aberto, o que não representa uma barreira, mas uma potencialidade para a polifonia de vozes (Freitas; Benetti, 2017). A partir dessa brecha potencial, cabe questionar se esse gesto relativo não poderia servir à narração a partir, também, dos outros mais-que-humanos. Admitindo que o “comum partilhado” seja a urgência de enfrentar as lógicas ferais do Antropoceno, que conclamam a alargar os horizontes onto-epistêmicos da comunicação, fica evidenciada a necessidade de compor alianças respeitosas para com as sociabilidades das paisagens multiespécies (Tsing, 2019).

Ao pensar na alteridade e no reconhecimento do Outro no fazer jornalístico, Reges Schwaab (2021) dialoga com diferentes perspectivas contemporâneas, a exemplo dos estudos pós-coloniais, na proposição de uma ruptura com a centralidade do “eu” e na construção de uma forma de narrar que tome como princípio voltar o olhar para os excluídos dessa escrita, abrindo veredas para produção de novas subjetividades e conhecimentos. Ao reconhecer a narrativa como um gesto imperfeito, o autor pontua que a “[...] reportagem é um fazer de interface, não está pelos limites, mas surge na porosidade das fronteiras do jornalismo” (Schwaab, 2021, p.14). Na reflexão aqui proposta, interessa justamente provocar e imaginar uma ampliação nas fronteiras tradicionais do narrar jornalístico, incentivando fissuras capazes de acolher outras cosmologias e perspectivas que não separem natureza e cultura (Danowski; Castro, 2014; Krenak, 2020; Tsing, 2019). Pensamos, desse modo, em escrituras outras, reconfiguradas no estatuto de uma alteridade radical como centro da comunicação.

3. MUNDOS E PAISAGENS MULTIESPÉCIES

Em algumas leituras, a crise ecológica aparece como a intrusão da Terra - Gaia - de modo praticamente incontornável. Daí advém as defesas em torno da constituição de novas cosmopolíticas. A “invasão” do ambiente no mundo ilusoriamente controlado dos humanos, certamente deve ser desestabilizante. Ao final, em resumo, não restaria nenhuma prática que não precise ser ecologicamente reposicionada. Para André Araújo (2024, s/p):

Trata-se de pensar o ambiente como algo que, quase como que subitamente, ganha vida, agência, espírito, e responde ativamente ao modo pelo qual interagimos historicamente com ele. Se a forma pela qual o ambiente entra na política é de forma violenta, como intrusão, diz respeito a um quase espelhamento sobre a forma pela qual o entendemos. É próprio de certo pensamento moderno constituir aqueles que precisa violentar como desprovidos de alma, desprovidos de pensamento, desprovidos de ação, de forma a manter uma certa consciência burguesa leve em suas explorações. A assim entendida natureza, compreendida como estável e passiva, sempre capaz de se regenerar, não importam os desmandos cometidos, parece agora arrombar a porta da política e a firmar sua própria agência. É preciso agora, e sem a possibilidade de ignorar, se haver com a intrusão do ambiente na política.

Como sinalizado na abertura deste texto, entretanto, as chaves modernas, compostas pela ciência ocidental, mostram-se insuficientes. É salutar uma abertura exponencial à uma polifonia mais orgânica e respeitosa. Em “Há um mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins”, Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski (2014) explicam como as cosmogonias ameríndias concebem maneiras distintas de compreender a crise socioambiental que, dada sua gigantesca escala, pode levar ao colapso da sociedade humana e da vida no planeta. Originada na ação humana, seu enfrentamento pressupõe o deslocamento da centralidade do humano para reposicionar os modos de olhar para os distintos mundos e sua interrelação.

Para o quilombola Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nêgo Bispo (2023), existimos pressionados pelo medo da diferença, que predomina e organiza instituições, cidades e saberes ocidentais. Nêgo Bispo aponta como essa *cosmofobia* se traduz em práticas de expropriação e exploração da natureza em prol de ideias de desenvolvimento e de humanização. Ainda que não use o termo alteridade, o autor nos apresenta uma experiência e um modo de existências pautados pela aproximação estética e afetiva com o mundo, superando a exclusividade da interpretação cognitiva mencionada por Martino (2016b). Uma das palavras

germinantes que define essa perspectiva quilombola é a de “seres compartilhantes”, ilustrada em sua escritura:

Quando cheguei ao território em que estou hoje, já existiam outros compartilhantes que nos receberam. Na Caatinga, os umbuzeiros nos receberam. Eles compartilharam seus frutos, suas folhas e suas raízes quando chegamos, e não trouxemos nada para os umbuzeiros. Eles já eram nativos daqui, viemos habitar esta terra depois deles. Foi assim com os pássaros, foi assim com uma planta chamada pinhão - que não é o pinhão manso, é um pinhão cuidado por nós, ditos humanos, que as juritis adoram. Elas comem esses pinhões e, vez por outra, pegamos uma juriti. O pinhão compartilha com a juriti, a juriti compartilha conosco, e nós vamos compartilhar de novo com o pinhão. Agora que já estamos aqui há mais tempo, entramos também no ciclo local de compartilhamento (Nêgo Bispo, 2023, p.36).

Para alguns, a abordagem adotada por Nêgo Bispo (2023) pode parecer simples. Aqui, no entanto, entendemos que ela revela uma conexão com uma compreensão outra sobre ser e estar mundo, fundada na biointeração e na confluência. Desvios e transgressões soam como fundamentais diante da força do estado das coisas, o que implica em “[...] um deslocamento epistêmico dos pensamentos do mundo e da terra no coração da ecologia, ou seja, uma mudança de cena das produções de discursos e saberes” (Ferdinand, 2022, p.33).

Antropóloga que desafia as concepções tradicionais das ciências naturais e sociais, Anna Tsing (2019) evidencia como a modernidade inaugurou uma lógica de negação das habitabilidades e das relações sociais entre humanos e mais-que-humanos, como um projeto para expandir os sistemas de *plantation* e de produção e circulação de mercadorias em escala global. Essa lógica - descrita pelo conceito de escalabilidade - é responsável por ameaçar as condições de sobrevivência nos territórios, ao transformar vários locais e seres em instrumentos e recursos. “A modernidade é, entre outras coisas, o triunfo da destreza técnica sobre a natureza” (Tsing, 2019, p.187). Isso representa, fazendo uma aproximação com a realidade do Rio Grande do Sul e do Brasil, transformar campos nativos do bioma Pampa em plantações de soja, milho e eucalipto,⁹ ou colocar em risco a biodiversidade amazônica em prol da exploração de petróleo.¹⁰

⁹ Dados do *MapBiomas* apontam que 2,9 milhões de hectares da vegetação campestre, característica predominante do Pampa, foram destruídos entre 1985 e 2022 no Rio Grande do Sul. A agricultura, com lavouras de soja, milho e arroz, e a silvicultura foram as atividades que apresentaram maior expansão em suas áreas nesse período. Ao considerar toda a extensão do bioma na América do Sul, 9,1 milhares de hectares foram perdidos, o que representa 20% da cobertura original desse ecossistema. Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2024/02/bioma-mais-degradado-do-brasil-pampa-esta-virando-soja-e-areia/>. Acesso em 21 jan. 2025.

¹⁰ A exploração de petróleo na Foz do Amazonas é um projeto do governo brasileiro em uma área dos estados do Amapá e Pará, onde o Rio Amazonas encontra o Oceano Atlântico. A região é considerada, por especialistas e povos tradicionais, como ultra sensível, por abrigar um ecossistema marinho único, com biodiversidade pouco

Desde o primeiro momento pensei no Antropoceno através da figura da *plantation*. Por *plantation* quero dizer aquelas simplificações ecológicas nas quais os seres vivos são transformados em recursos - ativos futuros -, removendo-os de seus mundos de vida. As *plantations* são máquinas de replicação, ecologias avançadas para a produção do mesmo (Tsing, 2019, p.206).

Ao problematizar as lógicas de *plantation*, Malcom Ferdinand (2022) descreve as fraturas modernas impostas a partir do período colonial e que fundamentam uma política e uma estética de uniformização dos ecossistemas e das formas de pensar o mundo. Em uma crítica à ocultação das responsabilidades e raízes da crise ecológica contemporânea, o autor utiliza o conceito de *Negroceno* para explicar o projeto colonial-racista-sexista-moderno que cria condições para a exclusão e recusa do mundo para o outro diverso (pretos, mulheres, ameríndios, quilombolas, classes trabalhadoras, pessoas com deficiência, comunidade LGBTQIAPN+). Ferdinand (2022) nomeia esse conjunto de estratégias e de opressões de *política do navio negreiro*, como uma forma de argumentar sobre o ecocídio como um outro lado da escravidão e vice-versa. Como caminhos de superação, o autor defende a radicalização da concepção de justiça e uma perspectiva estética-política pautada pela diversidade, o que implica em construir outras narrativas e uma outra alteridade.

Enfrentar a tempestade moderna implica escritas do mundo que conservem sua pluralidade constitutiva, uma literatura com narrativas-floresta em que todos encontrem uma árvore sob a qual se abrigar. Superar essas fraturas pressupõe, portanto, levar a sério as continuidades entre humanos e não humanos [...] desfazer-se da sombra do porão do Antropoceno: essa é a missão de uma *ecologia decolonial* (Ferdinand, 2022, p.150, grifo do autor).

Questionar as violências infligidas contra humanos e não-humanos, conectando debates que envolvem raça, gênero e meio ambiente, torna-se, portanto, parte do movimento para (sobre)viver no Antropoceno.

Em reflexão semelhante, Marisol de La Cadena (2018) aborda os conflitos entre as nações *AwaJun-Wampi* e o Estado do Peru com relação ao uso do território ocupado por esses povos - que consideram o ambiente como parte de sua identidade e de seu modo de vida. Para a autora, existe uma dimensão ontológica que diferencia as concepções de mundo ocidental das ameríndias, o que pode ser dito também das matrizes de pensar africanas e quilombolas.

Uma das dificuldades que permeiam a aproximação e a luta política em torno dos seres mais-que-humanos, pondera Cadena (2018), reside no fato de que, se esses entes forem

estudada e de relevância planetária. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/uma-analise-critica-sobre-as-pesquisas-de-petroleo-na-foz-do-amazonas/>. Acesso em: 21 mar. 2025.

considerados fora da partição do sensível executada pela modernidade, os conceitos de natureza e de cultura têm seus sentidos esvaziados. Assim, a postura que faz emergir entidades-humanas-animais-naturais ultrapassa as gramáticas e as lógicas hegemônicas de compreensão do mundo na matriz ocidental branca. Para a autora, essa dificuldade também faz surgir um espaço para acordos e para alianças, de forma a quebrar com as vontades de universalidade dos paradigmas modernos.

Esse acordo fala da possibilidade de uma aliança alternativa, que, juntamente com as coincidências, pode incluir a divergência constitutiva das partes: elas podem convergir sem se tornarem as mesmas. Esse acordo poderia incluir uma discussão sobre o mundo único como uma condição ontológica que os participantes da aliança não compartilham de forma homogênea e que, conseqüentemente, pode ser uma fonte de fricção entre eles (Cadena, 2018, p.113).

Mesmo em trilhas e em posições distintas, Tsing (2019), Nêgo Bispo (2023), de la Cadena (2018) e Ferdinand (2022) denunciam desigualdades e problemas decorrentes da separação entre natureza e cultura, sem deixar de sugerir um campo de possíveis, em um exercício constante de construção propositiva de aberturas ao diálogo, calcadas nas óticas da atenção, do cuidado e da coexistência de distintos mundos e de modos de conhecê-los.

Antes de seguirmos, cabe considerar outro conceito da obra de Anna Tsing (2019), o de *paisagens multiespécies*. Em sua descrição crítica das relações que envolvem o florescimento do cogumelo *matsukage*, Tsing (2019) observa teias e linhas de vida que envolvem plantas, árvores, fungos e camponeses, sujeitos em interação em distintos territórios. Desde essa perspectiva, todas as paisagens supostamente naturais carregam uma história também humana (a Floresta Amazônia talvez seja um dos maiores exemplos disso, uma vez que pesquisas recentes evidenciam o papel das populações ameríndias na sua constituição).¹¹ Do mesmo modo, todo ser humano é biologicamente dependente de milhares de bactérias e outros seres para sobreviver, a exemplo das reflexões de Donna Haraway (2016). “Somos seres dentro de teias ecológicas e não fora delas. Paisagens multiespécies são necessárias para sermos humanos” (Tsing, 2019, p.94). Ao abraçar o convite de Tsing (2019), acreditamos ser possível

¹¹ Pesquisas do arqueólogo Eduardo Góes Neves evidenciam a relevância chave da presença humana na constituição da Floresta Amazônica, o que converge com a perspectiva de paisagens multiespécies e das histórias culturais dos ambientes naturais, descritas por Tsing (2019). Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLiQooqFEbVVMGXd5pXU7NZVIZjL8bZio>. Acesso em: 14 mar. 2025.

fazer ecoar outras perspectivas para o campo da comunicação e do jornalismo, historicamente alinhados ao sistema moderno, capitalista e colonial.

No tópico seguinte, em um movimento de experimentação, na tentativa de descrever como podem começar a surgir essas reverberações e reconfigurações no narrar, associamos esse movimento às discussões do conceito de alteridade a partir das práticas comunicacionais.

4. ALTERIDADE E MAIS-QUE-HUMANOS

Com o propósito de elaborar contribuições no intervalo que surge do entrelaçamento entre narrativas, alteridade e ótica das paisagens multiespécies, propomos um breve exercício de descrição e de reflexão, inspirado na transmetodologia (Almeida; Maldonado, 2015). Importa explicar que não se trata aqui de uma análise exaustiva, mas sim de uma observação de aspectos narrativos, em tom experimental, em confluência com reflexões teóricas que emergem diante do contexto do Antropoceno e acerca da alteridade na comunicação e nas mídias, como um ensaio e um recorte a partir de um projeto de investigação maior.¹²

O texto escolhido para ilustrar esse movimento tem como título *Rio Paraguai contra o fim do mundo* (Sordi, 2024) e foi publicado em 5 abril de 2024, na plataforma on-line de *Sumaúma - Jornalismo do Centro do Mundo*. Com reportagem de Jaqueline Sordi e fotos de Ahmad Jarrah, o conteúdo está vinculado ao *Mais-que-humanos*, projeto de *Sumaúma* com a Escola de Direito da *Universidade de Nova York*. Cabe citar que *Sumaúma* foi criada em setembro de 2022 como uma plataforma que adota uma perspectiva de *amazonização* e de defesa dos povos-floresta contra a sua exploração, aliando práticas ativistas e jornalísticas a partir de diferentes cosmologias e compreensões de mundo.

SUMAÚMA não é apenas uma plataforma de meio ambiente nem de jornalismo ambiental. Nossa compreensão dos mundos não é compartimentada: entendemos que a crise climática atravessa todos os temas e é assim que deve ser tratada pelo jornalismo. É um prisma abrangente e não apenas mais um tópico. Só podemos cobrir a brutalidade de uma minoria humana capaz de provocar uma extinção em massa de espécies e colocar suas próprias crianças em risco de um futuro hostil se compreendermos que a guerra contra a natureza é configurada pelas relações de poder determinadas por raça, gênero, classe e também espécie. A crise climática é causada pelas desigualdades e as

¹² Movidos pela proposta da transmetodologia, o desenho da pesquisa maior considera uma ampla revisão bibliográfica e movimentos apreciativos em torno das confluências teórico-conceituais, seja em termos de contexto e estado da arte, seja em termos operativos, em noções que movimentam o corpus empírico. Dessa pesquisa, recortamos o eixo de debate aqui apresentado que, em termos de organização textual, toma inspiração no ensaio formal (Moisés, 1987), com objetivos e lógica argumentativa que busca sublinhar uma atitude crítica da autoria e procurando mostrar aspectos de originalidade em sua problematização.

amplia, na medida em que os mais afetados por ela são os indígenas e os pretos, as mulheres e as tantas espécies a caminho da extinção (Sumaúma, 2022, s/p).

Em pesquisa sobre as práticas discursivas de jornalistas de *Sumaúma* sobre o fazer jornalístico diante da crise socioambiental e ecológica, Anna Júlia Carlos da Silva (2024) investiga as diferentes temáticas e posicionamentos que aparecem em textos de cunho editorial da plataforma, relacionando esses dizeres e autoreferencialidades com conceitos como sujeito, lugar e resistência.

O discurso de sujeitos-jornalistas de *Sumaúma* revela uma tentativa de inserção de um jornalismo que une urgência e resistência, mudança de perspectivas, ação coletiva, criação de futuros e fazer jornalístico a fim de enfrentar as questões contemporâneas e desempenhar um lugar ativo na transformação, sobretudo, socioambiental (Silva, 2024, p. 101, grifo da autora).

Assim, podemos perceber uma intencionalidade de produção de um jornalismo atrelado ao que Fabiana Moraes (2019) define como jornalismo de subjetividade, atravessado por uma revisão de elementos canônicos como a imparcialidade e o (ilusório) apagamento dos sujeitos dessa narrativa, considerando impraticável mencionar o papel da subjetividade na configuração do narrar no jornalismo. Percebemos um sentido de rompimento com o reducionismo, os silenciamentos e as hierarquias, buscando vencer históricas limitações de “compreensão das alteridades” (Moraes; Veiga da Silva, 2021, p. 100) que permeiam o fazer jornalístico. No caso do texto de Jaqueline Sordi, interessa observar como a subjetividade permite a aproximação estético afetiva com as comunidades e a própria entidade *Rio Paraguai*, convertida em personagem e um dos agentes da narrativa. O eixo que move a reportagem é a discussão em torno dos direitos da natureza e do Rio.

A condução da narrativa em primeira pessoa e a descrição densa de características experienciadas pela repórter evidenciam um exercício de sondagem do mundo. Ao mesmo tempo, a interconexão revelada entre o curso d’água e “pessoas-plantas, pessoas-animais, pessoas-fungos e pessoas-bactérias” (Sordi, 2024, s/p) permite perceber a existência de linhas de vida que se constroem a partir de uma simbiose (Tsing, 2019) entre os seres humanos e os mais-que-humanos.

O Rio fala, sente e também chora. É a gente que precisa aprender a escutar. Para quem nasce correnteza, como Indígenas e Ribeirinhos, o diálogo com o Rio faz parte do dia a dia. Vanda Aparecida dos Santos, uma Ribeirinha-correnteza que dedica a vida à luta pela proteção dessas águas, lembra da primeira vez que ouviu o choro (Sordi, 2024, s/p).

Em trechos como este, a repórter entrelaça a história de moradores das margens do Rio Paraguai com os desafios e as transformações causadas pelas violências socioambientais que afetam o território e as comunidades, a exemplo das queimadas.

Em todo o texto, o Rio (com inicial maiúscula) é tratado como um sujeito dinâmico também nos depoimentos das pessoas, o que revela uma preocupação com as experiências e o mundo, em um esforço de mimetização para conferir verossimilhança à realidade e de aproximação com a outridade relativa (Freitas; Benetti, 2017) do Rio. Ao mesmo tempo, a jornalista apresenta dados, informações e excertos de legislações, o que demonstra o compromisso com o jornalismo profissional, sem deixar de assumir a subjetividade (Moraes, 2019) ou pretender adotar uma postura (ilusória) de neutralidade.

Em Cáceres, a mudança na lei orgânica incomodou gente poderosa. Aquela mesma gente que resiste em virar correnteza. Entenda: para aqueles que não nascem Rio, como Salomão e Vanda, deixar-se ser guiado pelo ritmo das águas pode soar poético, mas implica um mergulho profundo e por vezes doloroso consciência adentro. Um mergulho de corpo inteiro, o que inclui a alma. É preciso morrer como um (o humano) para renascer como incontáveis (a Natureza) (Sordi, 2024, s/p).

Ao narrar a própria experiência de contato com o Rio e das suas relações com os ribeirinhos e outras espécies de plantas e animais, Jaqueline Sordi apresenta uma narrativa que se aproxima do que Anna Tsing (2019) define como descrição crítica das sociabilidades mais-que-humanas e das paisagens multiespécies. Os problemas apontados na reportagem também fazem recordar das lógicas da escalabilidade moderna - que faz surgir projetos para mudar o curso do Rio e impedir a declaração dos direitos da natureza na legislação local.

Em um gesto comparativo e de disrupção, Tsing (2019) abrevia a distância entre a pesquisa científica e a poesia, ao ousar imaginar a jornada de um esporo de cogumelo. Segundo a autora, esse movimento, que rompe brutalmente com o cartesianismo, ajuda a entender as dinâmicas de agência e de relação entre entes mais-que-humanos.

Pense em todas as árvores que vou conhecer, sem falar de outras espécies. Haverá ursos? Tenho certeza de que algum esporo a germinar, meu futuro companheiro, já está me esperando. O desejo de sentir o solo novamente brota em mim. Crescerei nesse novo solo e traçar novas linhas de conexão, minha história e a deles (Tsing, 2019, p.84).

Seja um esporo ou um Rio, como na reportagem de Sordi (2024), a perturbação causada por essas narrativas é parte da proposta que mescla duas formas - ecológica e cultural - de olhar para as paisagens, desfazendo fronteiras e fazendo justaposições entre mundos distintos. Esse

projeto de confluência, de reconhecimento e de sondagem depende, justamente, da composição a partir de um substrato reflexivo, de enfrentamento das urgências do Antropoceno.

5. CONSIDERAÇÕES PARA SEGUIR

No percurso tentativo aqui registrado, procuramos discutir brevemente a comunicação e o jornalismo como campos que precisam ser atravessados pelo ecológico e cuja ação só é possível pela travessia dos processos de alteridade e de reconhecimento do Outro, seja ele humano ou mais-que-humano. Para tanto, defendemos a necessidade de tramar uma pluralidade de saberes em torno das consequências do Antropoceno e da crise climática (Petrucci, 2023) e suas implicações, que nos conduziriam, caso sejamos incapazes de agir, ao fim do futuro (Danowski e Castro, 2014).

Considerando a crítica social e política que tais narrativas poderiam oferecer, imaginamos que a pesquisa acadêmica em Comunicação, diante das emergências socioambientais, necessita abarcar novos vocabulários, ser atravessada pelas interseccionalidades e se deixar afetar pela emergência do ecológico. No centro desses novos vocabulários, sugerimos, está o Antropoceno, a alteridade radical e a pluralidade de mundos (Kothary et. al, 2021), desdobrados em múltiplos modos de ser e de saber. Na esteira do pensamento de Ferdinand (2022), teria movimento uma consciência para gestos criativos e colaborativos, fundados no compromisso de fazer-mundo, na tessitura de elaborações derivadas da coexistência de modos múltiplos de narrar. Trata-se, sugerimos, de uma ética, de uma poética e de uma estética urgentes para as práticas comunicacionais.

Sabemos que assumir reivindicações dessa ordem é desafiante. Todavia, a resposta ao estado das coisas, como ensina Anna Tsing (2023), raramente é consciente. Antes, é condicionada pela nossa relação sensível com o mundo. Essa resposta nem mesmo cabe ser descrita no singular, uma vez que, em sentido amplo, nos aventuramos por um devir, um fluxo de novas interações e florescimentos, em que as paisagens e suas interações fundantes sejam semente fértil e protagonistas em nossas histórias. Essa é uma travessia que requisita imaginação, portanto, para que as desordens, os deslocamentos, as fronteiras e as porosidades não sejam defeito, e sim base comum: a prática comunicacional diante do Antropoceno é a prática da abertura, da receptividade e do perigo, uma vez que jamais negará a subjetividade e a interpretação a partir das experiências. Do mesmo modo, irá se opor, inevitavelmente, ao

pensamento universalizante, colonial e de dominação. Trará ao centro um projeto plural de emancipação (Ferdinand, 2022), pautado por novas cosmopolíticas e renovados modos de narrar, fermentadas pelo signo da relação.

Por fim, como convite ao diálogo, a questão problema motivadora do presente texto segue aberta, especialmente pela consciência de que os tensionamentos que as epistemologias urgentes e insurgentes trazem aos campos da comunicação e do jornalismo, não admitem uma simples incorporação conceitual, mas convocam para uma inventividade co-produzida, dialogada e crítica, abrindo espaço para que os deslocamentos necessários diante das emergências sejam efetivamente diversos e ofereçam mapas mais plurais para nossos campos de ação. Mapas nos quais não seja possível registrar um habitar sem o Outro, muito além do Outro somente humano.

Narrar a partir da terra que se pisa junto com os demais, resta sublinhar, não poderá ser um gesto ordinário. Poderemos falar, então, de práticas fundadas em uma inteligência mais do que humana e, em termos de sua dimensão, planetária, sem que elas se sobreponham às lógicas mínimas, locais, e às expressividades criativas e sensíveis de cada paisagem. Ao reconhecer as interconexões mais amplas, caminhará a Comunicação para um reposicionamento como ciência sensível às biointerações e à expressão das ecossociabilidades de uma alteridade radical? Resta, pois, imaginar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renata Cardoso de; MALDONADO, Alberto Efendy. Transmetodologia como identidade: uma epistemologia transformadora na pesquisa em comunicação. **Comunicação & Educação**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 94–103, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/163962>. Acesso em: 26 jul. 2024.

ARAÚJO, André. **Antropocenos do Sul: crises e criações para um novo regime climático**. Parêntese, Matinal Jornalismo, 2024. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/ensaio-parentese/antropocenos-do-sul-criises-e-criacoes-para-um-novo-regime-climatico/>. Acesso em 23 out. 2024.

BRIDLE, James. **Maneiras de ser: animais, plantas, máquinas – a busca por uma inteligência planetária**. São Paulo: Todavia, 2023.

CADENA, Marisol de la. Natureza incomum: histórias do antropo-cego. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [s. l.], n. 69, p. 95–117, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145635>. Acesso em: 11 nov. 2024.

COLLINS, Patrícia Hill. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há um mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Florianópolis: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1998.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FREITAS, Camila; BENETTI, Marcia. Alteridade, Outridade e Jornalismo: do fenômeno à narração do modo de existência. **Brazilian journalism research**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 10–27, 2017. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/989>. Acesso em: 9 mar. 2025.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte**, [s. l.], v. I, n. 5, p. 139–146, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4374761/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf. Acesso em: 6 ago. 2024.

KOTHARY, Ashish; SALLEH, Ariel; ESCOBAR, Arturo; DEMARIA, Federico; ACOSTA, Alberto. **Pluriverso**: dicionário do pós-desenvolvimento. São Paulo: Elefante, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

MARCOS, Maria Lucília. Comunicação, experiência e a questão do reconhecimento: a alteridade radical no pensamento de Levinas. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, [s. l.], p. 241–241, 2010. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/602>. Acesso em: 9 mar. 2025.

MARTINO, Luís Mauro Sá. De um eu ao outro: narrativa, identidade e comunicação com a alteridade. **Parágrafo**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 40–49, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/377>. Acesso em: 15 mar. 2025.

MARTINO, Luis Mauro Sa. Epistemologia da alteridade: entre a erklären (explicar) e a verstehen (compreender) de outrem. **LÍBERO**, [s. l.], n. 37-A, p. 101–108, 2016. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/43>. Acesso em: 20 jan. 2025.

MARTINO, Luis Mauro Sá; MARQUES, Angela Cristina Salgueiro. A afetividade do conhecimento na epistemologia. **MATRIZES**, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 217–234, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/140592>. Acesso em: 4 out. 2024.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia**. São Paulo: Cultrix, 1987.

MORAES, Fabiana. Ativismo, isenção e subjetividade: sobre um jornalismo que ainda não ousa dizer os nomes. **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO**, [s. l.], v. 17, p. 01–15, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/61138395/1988-7773-1-PB20191105-67020-1dxqiva.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2024.

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Marcia. Onde Está Ruanda no mapa? Decolonialidade, subjetividade e o racismo epistêmico no jornalismo. **Pesquisa em comunicação jornalismo raça e gênero**, [s. l.], p. 94–104, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/45078081/Onde_Est%C3%A1_Ruanda_no_mapa_Decolonialidad_e_subjetividade_e_o_racismo_epist%C3%AAmico_no_jornalismo_Fabiana_Moraes_e_M%C3%A1rcia_Veiga_livro_Pesquisa_em_comunica%C3%A7%C3%A3o_jornalismo_ra%C3%A7a_e_g%C3%AAnero. Acesso em: 17 mar. 2025.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade. In: PEREIRA, F.; MOURA, D.; ADGHIRNI, Z. **Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 219–241. Disponível em: Acesso em: 21 mar. 2024.

NÊGO BISPO. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

QUIROGA, Tiago; MOTA, Tatiana Castro. Práticas comunicativas ameríndias: insurgência e decolonialidade na Amazônia brasileira. **E-Compós**, [s. l.], v. 27, 2024. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2965>. Acesso em: 19 out. 2024.

PETRUCCI, Maria. **Antropoceno: da crise climática à crise do pensamento**. Porto Alegre: Contratempo, 2024.

SCHWAAB, Reges. Reportagem e reconhecimento: a alteridade como projeto. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 9–21, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/75889>. Acesso em: 21 mar. 2024.

SILVA, Anna Júlia Carlos da. **O lugar do jornalismo diante das emergências socioambientais nos discursos de repórteres**. 2024. 133 f. Dissertação - Programa de Pós-graduação em Comunicação - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2024. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/31703>. Acesso em: 19 maio 2024.

SORDI, Jaqueline. Rio Paraguai contra o fim do mundo. In: **SUMAÚMA - JORNALISMO DO CENTRO DO MUNDO**. 5 abr. 2024. Disponível em: <https://sumauma.com/rio-paraguai-contra-o-fim-do-mundo/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SUMAÚMA. Manifesto: SUMAÚMA: jornalismo do centro do mundo. In: **SUMAÚMA -**

JORNALISMO DO CENTRO DO MUNDO. 13 set. 2022. Disponível em:
<https://sumauma.com/quem-somos/>.

TADDEI, Renzo. Kopenawa e as ciências ambientais na Amazônia. *In*: TADDEI, Renzo; MARRAS, Stelio. **O antropoceno: sobre modos de compor mundos**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022.

TORRICO VILLANUEVA, Erick Rolando. LA COMUNICACIÓN DECOLONIAL, PERSPECTIVA IN/SURGENTE. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [s. l.], v. 15, n. 28, 2018. Disponível em:
<http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/472>. Acesso em: 7 jun. 2024.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Micael dos Santos Olegário

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Reges Schwaab

Professor do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, atuando como docente permanente da Linha de Pesquisa "Mídias e Identidades Contemporâneas". Realizou estágio pós-doutoral na Universidad de Antioquia, em Medellín - Colômbia. Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com estágio de doutoramento na Universidade Nova de Lisboa - Portugal. Mestre pelo mesmo programa. Graduado em Jornalismo pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Coordena o "milpa - laboratório de jornalismo" (CNPq/UFSM). Atua na área de Comunicação, com ênfase em jornalismo e problemáticas socioambientais. Suas investigações se desenvolvem na interface entre os estudos de mídias jornalísticas, das narrativas e da ecologia, identidades e ativismos, em confluência as matrizes conceituais do antropoceno, do pensamento decolonial e das interseccionalidades.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional